



INSTITUTO DA HUMANIDADE-IH
BACHARELADO EM HUMANIDADES-BHU

ERICÂNIA ALMEIDA GOMES

**A CONSTRUÇÃO DO PANU MARCADO PELAS MULHERES DA ETNIA
MANDJAKU DE CAIÓ, GUINÉ-BISSAU: USOS E SIGNIFICADOS**

ACARAPE-CEARÁ
2023

ERICÂNIA ALMEIDA GOMES

**A CONSTRUÇÃO DO PANU MARCADO PELAS MULHERES DA ETNIA
MANDJAKU DE CAIÓ, GUINÉ-BISSAU: USOS E SIGNIFICADOS**

O presente projeto de pesquisa, é apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Humanidades.

ORIENTADORA: Prof.^a Dra. Natalia Cabanillas

**ACARAPE-CEARÁ
2023**

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MENINA APRENDENDO MARCANDO PANO.	13
FIGURA 2 - A MENINA USANDO O PANU MARCADO.	22
FIGURA 3 - CERIMÓNIA DE FINGE FIRQUIDJA EM CAIÓ.	23
FIGURA 4 - MULHERES DA FAMÍLIA GOMES BLEZ NA CERIMÓNIA DE TOCA TCHUR EM CAIÓ.	24
FIGURA 5 - CARGA BALEI (UM DOS RITUAIS DE FINKA FIRQUIDJA)	25
FIGURA 6 – AS MENINAS NAS CERIMÓNIAS DE TOCA TCHUR.	26

Sumário

1. INTRODUÇÃO	5
2. PROBLEMATIZAÇÃO	7
3. HIPOTESES	7
4. OBJETIVOS	8
4.1 Objetivo Geral:	8
4.2 Objetivos Específicos:	8
5. JUSTIFICATIVA	8
6. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	9
7.1 PANO DI PINTI ORIGEM, SIMBOLOGIA E VALOR CULTURAL NA GUINÉ-BISSAU.	9
7.2 PANU MARCADO: USOS E SIGNIFICADOS	12
7.3 AS RELAÇÕES DO PANU MARCADO COM AS MULHERES MANDJAKU DE CAIÓ	16
7. METODOLOGIA	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	19
8. CRONOGRAMA	21
9. ANEXO	21
9.1 Roteiro de entrevistas	21
9.2 Fotografias	22

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende estudar a produção de *panu marcado* dentro da sociedade mandjaku, abordando as atribuições das mulheres em esta importante atividade, suas dimensões artísticas, econômicas, religiosas e culturais. O *panu marcado* é produzido unicamente por mulheres das tabancas de Caió, Cadjuquite, Pexice, Djeta, Caliquice. Nos atentando a possíveis variações entre estas tabancas, o presente projeto se centraliza na comunidade de Caio, setor conhecido como tchom de mandjaku [terra dos mandjaku], ao qual pertencço, e que, portanto, vai permitir execução da pesquisa. A pesquisa é do cunho qualitativa com análise bibliográfica de artigos, tese, dissertações e TCC produzidos em temáticas próximas a esta pesquisa; também será utilizada a análises de fotografias publicadas nas redes sociais e, por último, entrevistas com mulheres mandjaku de Caió, produtoras do *panu marcado*.

A temática do pano marcado se enquadra dentro de um campo maior sobre o pano de pinti. Em termos físicos, o pano marcado, é uma especiaria do pano de pinti, porém ao qual se lhe adiciona um bordado específico realizado por mulheres. É um artefacto cultural guineense usado nas grandes cerimónias nacionais, feito a mão e com materiais artesanais. Existem vários tipos de *panos de pinti* e com significados dependendo da ocasião que é usado. De acordo Odete Semedo (2010), os panos [de pinti] falam, dependendo do lugar e os momentos dos usos, eles transmitem as mensagens O *panu marcado* é utilizado na maioria das tabancas mandjaku, e inclusive tem sido adotado nos rituais de outras etnias, especificamente nos rituais de casamento e toka-tchur¹. O *panu marcado* é um dos elementos que não pode faltar nos grandes rituais da comunidade mandjaku, que são: as investiduras do Régulo² casamentos, *fanadu*³, *toka tchur*, *bapene*⁴, *finka firquidja*⁵, e é o primeiro pano a ser colocado no caixão da pessoa que morre para os Mandjaku de Djeta. O *panu marcado* também não pode ser usado no funeral de uma

¹É um ritual que se faz para os mortos. A rigor é uma homenagem, que segundo os ancestrais é necessária para a paz espiritual do morto. Caso não seja feita a cerimônia de homenagem, a alma do morto não descansa em paz. (JALÓ, 2016, p.39)

² Régulo é a principal liderança de uma tabanca. Cabe a ele conduzir cerimônias mágico-religiosas, tomar as decisões finais de interesse da coletividade e representar sua tabanca como agente político da sua região” (JESUS, 2018, p.08).

³ Circuncisão ou ritual de passagem.

⁴ Mulheres curan

⁵ O irã na sociedade manjaca representa um espírito ou divindade que costuma se manifestar através dos rituais mágico-religiosos. O irã pode ser considerado um espírito bom ou mal, no caso do irã malfeitor, ou seja, um espírito que deve ser afastado, pois pode causar uma série de problemas para quem estiver por ele possuído ou sob influência. No entanto, o irã representa também os espíritos ancestrais ou divindades que protegem cada indivíduo e a comunidade, razão pela qual existem rituais realizados como obrigações para com o irã (DE JESUS, 2018, p.28)

criança ou de um adolescente (não se sabe por concreto, mas muitos dizem ser de menores de idade) e também não é do uso diário.

A República da Guiné-Bissau com capital Bissau é um país que localiza na costa Ocidental da África. E conta com cerca de 1.449,230 habitantes e 51,5% são mulheres, geograficamente mede 136,125km² e possui três províncias Norte, Sul e leste e faz fronteira com dois países vizinhos, com Senegal no Norte e no Sul com a Guiné-Conacri. Tem oito região: Bafatá, Bolama, Biombo, Cacheú, Oio, Quinará, Gabú e um setor autónomo Bissau que é o capital e além do povo Mandjaku, o país conta com outras etnias como Fula, Pepel, Mancanhe, Felupe, Bijagós, Biafada, Balanta, Mandinga e dentre outras e com diversas línguas e culturas de acordo com dados da INEP e UNIOGBIS (2022, p.9- 30/12/2020).

Situada a 28 km de cidade de Cantchungo, região de Cacheú, o setor de Caió é conhecida entre os Guineenses como tchon di Mandjaku (terra dos manjacos), povo que já habitava esta região desde antes da colonização portuguesa. Com superfície total de 664,3km², a cidade de Caió possui cerca de 10.297 habitantes e conta com um centro de saúde e um liceu. O setor conta com três secções: Djeta, Cajugute e Pexice. Nos últimos anos houve uma forte presença das outras etnias principalmente dos pescadores pepel que emigraram por causa de pescas artesanais e o porto de Caio é considerado o maior fornecedor do peixe da região. (JORNAL NÔ PINTCHA, 08/09/2021).

Segundo dados do INEP (instituto nacional da pesquisa) em 2017, as mulheres ocupam 52,4% da população da região de Cacheu. E as mulheres mandjaku que moram na região de Cacheu, na sua maioria, vivem da agricultura e não possuem um trabalho formal. A produção do *panu marcado* é um trabalho extra e o valor do trabalho varia conforme o contexto, e com isso muitas delas conseguem sustentar e pagar os estudos dos filhos. Algumas delas, migram de forma temporária para Senegal, seja para Dakar ou para Ziguinchor, à procura de trabalho como lavadeira. Em Bissau, uma boa parte das mulheres mandjaku se dedica ao comércio, chamadas localmente de Bideras.

Segundo De Jesus (2018), a estrutura da construção da sociedade mandjaku variam de patrilinear e matrilinear, e em maioria dos casos a matrilinearidade é alicerce para organização da comunidade ou tabanca. As mulheres para além de serem matriarca, no sentido que darem a continuidade da geração, são também as escolhidas dos espíritos para serem bapene6 (médicas sacerdotisa) que serviram de elo entre os espíritos e humanos, e muitas das vezes acabam por decidir os assuntos da comunidade mesmo com presença dos homens. Estas particularidades encontradas nas culturas africanas como o único ou exclusivo de uma determinada etnia e região, esta mesma prática também acontece no ocidente, onde as diferentes culturas se definem

como exótico, e para Mendes, (2014) a única saída disso é começarmos a olhar o “outro” como algo complementar ou recíproco.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

O *panu marcado* na Guiné-Bissau, carrega um valor patrimonial no seio dos guineenses, esse processo do seu uso em várias ocasiões de grandes significados para o país. Historicamente os panos emergem nas culturas da costa ocidental de África com a chegada dos Cartagineses, os povos Islamizados do Norte da África. O pano é da originalidade africana, cujo uso está envolvido no casamento, cerimónias fúnebres, rituais, política, moda e muito mais (António Carreira, *apud* Semedo, 2010, p.97). A partir desses enfoques, focaremos no caso da produção do pano marcado produzido pelas mulheres Mandjaku de Caió.

Existe um déficit de informação acadêmica sobre o *panu marcado*, exemplo disso, quando coloca no google académico ou buscando nas bibliotecas da Unilab (universidade que concentra muitos estudantes guineenses e mandjaku) não se encontra um trabalho exclusivamente sobre o *panu marcado*, e nas poucas das vezes que é mencionado, o máximo que é falado é só um parágrafo. Quando realizamos a busca com o termo pano de pinti emergem dezassete trabalhos publicados no google académicos e dez nos registos da Unilab, dos quais uma parte são projetos de pesquisa. Esses trabalhos analisaram a produção do *panu pinti*, abordando a origem, os significados e as relações dos panos com etnias guineenses, dentre estes trabalhos poucas se falam dos *panu marcado*, mesmo sendo uma das especiarias de grande relevância. Considerando o acima exposto, cabe-nos indagar: O porque que ainda não há trabalhos especificamente com discurso profundos sobre o *panu marcado*, considerando a sua relevância nas celebrações nacionais e sendo os únicos que são feitos exclusivamente por mulheres.

O problema de pesquisa está centrado em conhecer e analisar a produção, usos e significados dos *panu marcado* com as mulheres de Caió. Por isso, questionamos: por que as mulheres da etnia Mandjaku do setor de Caió produzem o pano marcado? Qual é o valor ou significado atribuído sobre o pano marcado? Sendo assim, a história que os panos carregam, segundo Odete Semedo (2010), eles transmitem mensagem.

3. HIPOTHESES

H₁ O *panu de marcado* é muito relevante na construção do status da mulher dentro da comunidade mandjaku. E seria de extrema importância se o Estado da Guiné-Bissau

conseguisse a proeza de guardar em tecido parte de sua herança cultural, para quem os sabe interpretar, ele transmite ensinamentos, provérbios e tradições. De forma geral, cada peça bordada por cada mulher é encarada como uma obra, capaz de expressar a identidade cultural do povo Mandjaku assim como povo guineense em geral

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral:

- Compreender a produção, os significados e usos do pano marcado segundo as mulheres Mandjaku de Caió.

4.2 Objetivos Específicos:

- ❖ Descrever a produção do *panu marcado* pelas mulheres de Caió;
- ❖ Descrever e analisar os significados, simbolismos e valores culturais expressados nos *panu marcado*;
- ❖ Entender o papel do pano marcado nos rituais sagrados na tabanca de Caió e seus vínculos com a religiosidade Mandjaku.

5. JUSTIFICATIVA

A escolha de produção do *panu marcado* é para realçar a relevância da mulher dentro da comunidade. *O panu de pinti* é muito conhecido na sociedade guineenses, e já existem vários trabalhos sobre a importância deste artefacto cultural (panos de pinti) porém, nenhum deles aborda especificamente os *panu marcado*

A relevância da pesquisa pode ser explicada em três elementos cruciais: pessoalmente como um sujeito histórico a escolha do tema é motivada pela minha subjetividade sociocultural – sou membro deste grupo étnico Mandjaku especificamente de Caió e atento as suas práticas culturais, desde muito nova pude ver o *panu marcado* como uma peça indispensável nos rituais e cerimónias como fúnebres, toka tchur, casamentos, fanadu e entre outros e isso sempre me interessou. Ao ingressar na UNILAB e mais especificamente na construção do tema para seminário da disciplina Sociedade, Diferenças E Direitos Humanos Nos Espaços Lusófonos com a professora Natalia Cabanillas escolhi o tema, e como futura pesquisadora, escolhi investigar sobre, com propósito de aprofundar e entender melhor a sua origem, significado, utilidade e importância

Além do meu interesse pessoal, espera-se que a pesquisa sirva de referência para os futuros trabalhos tanto no campo acadêmico, assim como político socioculturais, já que é difícil acesso aos estudos especificamente sobre o *panu marcado*. Os estudos podem servir também para campos de ciências humanas e sociais, no que diz respeito às questões culturais e especificamente a etnia mandjaku em Guiné-Bissau.

No que se refere à esfera político-sociocultural, a pesquisa pode também ajudar na valorização e preservação mais da cultura guineense em particular cultura Mandjaku no que toca com as formas e usos do e a da importância pano, considerando o impacto da modernidade e capitalismo que *panu marcado* já inferiorizam e banalizam os elementos de representação culturais e as atividades a feminizadas. E por conta desse fator muitos ainda propõem a pagarem menos para esse trabalho mesmo sabendo do valor cultural que o pano carrega. A pesquisa vem também nessa ótica de conscientização e valorização dos panos e mulheres produtoras.

6. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

7.1 PANO DI PINTI ORIGEM, SIMBOLOGIA E VALOR CULTURAL NA GUINÉ-BISSAU.

No debate bibliográfico escolhi debater com Semedo, Ié e Jaló no meu trabalho, três autoras que focam nos panos de pinti. Não por serem os únicos que escreveram sobre os panos - mas encontrei neles o material acadêmico que dá as respostas nessa primeira fase da minha pesquisa, mesmo quando o meu foco principal é *panu marcado*.

Neste apartado, trago o aporte do trabalho da escritora Guineense Maria Odete Costa Semedo, com o tema “As Mandjuandadi - Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura”, tese de doutorado na universidade Católica De Minas Gerais em 2010 e do pesquisador Jacque Mário Almeida Ié, Com Tema “Usos e Valor de Panu-Di-Pinti nas Cerimônias Tradicionais de Povo Papel em Biombo - (Guiné-Bissau)” a monografia de graduação em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira no ano de 2021. No caso da primeira pesquisa, foi com trabalho de campo de Semedo; já o trabalho de Ié foi uma revisão bibliográfica. Embora há muitos trabalhos produzidos na sobre pano de pinti, estes dois seriam os que trazem análises mais aprofundadas, daí que foram escolhidas.

Na Guiné-Bissau segundo Ié, o panu-di-pinti está presente em tudo que é lugar, porém a densidade e contrastes de uso depende de cada território. No campo econômico, o autor mostra

como se dá a relação de *panu-di-pinti* com outros produtos nas trocas comerciais, tanto no comércio formal assim como no informal. Consequentemente, se percebe a utilidade do pano na vida econômica de indivíduos de diversas zonas que compõem o território nacional guineense. Nas sociedades consideradas urbanas no contexto do país, a visibilidade de *panu-di-pinti* é mais colorida nos mercados tradicionais (feiras de artesanato), nos grupos de mandjuandadi⁶, tanto no casamento religioso tradicional, igrejas católicas ou evangélicas, quanto no casamento típico e tradicional e nas comemorações políticas. Entretanto, é tão importante o uso de *panu-di-pinti* nesses meios, não só para decorar o ambiente, que se faz muito nos casamentos, mas sobretudo para conferir a estes mesmos ambientes um aspecto identitário de *guinendadi*⁷ de que comunga todo o povo Guineense (IÉ, 2021, p.35).

É impossível analisar e compreender a configuração de *panu-di-pinti* nos dias atuais na Guiné-Bissau, sem ter resgatado um pouco da sua história. A relação de uso de tecidos que, consequentemente, dão origem a *panu-di-pinti*, com a evolução das sociedades. No país, a história do pano se relaciona com a cultura de grande parte de grupos “étnicos”, com mais destaque as etnias, Mandjaku e Pepel que são consideradas os principais fabricantes do *panu de pinti*. A confecção do pano é um trabalho que se passa de geração a geração, sobretudo entre membros de uma determinada família. No que se refere ao uso de *panu-di-pinti*, quase todos os grupos étnicos, culturalmente, fazem o uso deste “artefato cultural” (IÉ, 2021, p.15).

A confecção do pano de *pinti* é um trabalho artesanal, feito a mão por homens com ajuda de um pente de maneira; nele vão ser colocadas as linhas, e nele que o tecelão pega para fazer o pano. De acordo com Semedo (2010, p.96), “o pano de pente é confeccionado no tear tradicional com o formato de bandas ou tiras que, depois de costuradas com quatro, seis, dez, doze ou quatorze tiras ou bandas, constituem um pano”. Se percebe que os papéis das mulheres são importantes quanto dos homens no processo da produção do pano de *pinti*, pois são elas que vão fazer todos os acabamentos que deixam os panos mais belos. Como argumentou a Tânia Jaló:

Os nomes dos panos e o modo pelo qual eles são confeccionados são bem ilustrativos do papel das mulheres e dos homens. Somam-se, às camatchas feitas pelas mãos femininas, as funções dos bordados. Assim e de acordo com a função dos panos, nem sempre são necessários os bordados, eles são utilizados ou não a depender da função cultural, social e política. (JALÓ, 2016, P.17)

⁶ Mandjuandadi é o espaço em que cada uma das mulheres, e cada um dos seus membros, se sente livre: lá pode cantar, ostentar o seu pano ou vestido novo, brincar, ser maliciosa e livre, dar vazão aos seus sentimentos, inclusive à sua sensualidade, tanto nos versos que canta quanto na sua performance enquanto dança (SEMEDO, 2010, p.134)

⁷ é quando a pessoa fazer algo bom para comunidade, ou seja, um ato de caridade

Existem panos de pinti que não levam os bordados nem tão pouco *kamatcha* ou renda. Geralmente, a maioria das pessoas alugam os tecelões para tecer estes, e a função do pano seria usos para enterro ou mesmo para cerimônias religiosas da tabanca. Os Mandjaku de Caió tem um pano de pinti chamado de *kadjamd*⁸, a sua função deste é para colocar na parede quando tem óbito na casa e só é retirado depois de sepultar o corpo, no caso da etnia Mancanhe, usam o pano de pinti preto ou preto branco costurada quando a pessoa perder a mãe ou o pai durante seis meses ou mesmos um ano como sinal de luto.

Panu marcado, panu pesado, panu tindjidu, panu preto, mafé de catchur (molho de cão), lankom (é o maior de todos que chega a ter dez ou dose bandas), costa de lagarto (costa de crocodilo), pano-letra, baba-cacheu, baba-antigo, udju de baka (olho de vaca), nkontcha, Iran-cegu (jibóia), bagera (abelha), lanceado (é aqueles panos mais pesados), nbanhala (são bandas de diferentes panos que no final o tecelão junta um de cada e forma um pano), e entre outras. (PANOS REVELAM COSTUMES DA GUINÉ-BISSAU, INTERNET apud IÉ, 2021).

Existem variação dos nomes dos panos dependendo das etnias, no caso dos Mandjaku de Djeta, foi dado nome de pano de pinti o pano com grande peso em espécie, já para os Mandjaku de Canhobe não tem essa diferenciação porque os usos dos panos de pinti não é uma tradição obrigatória. Em geral os panos de pinti têm um nome comum entre os guineenses independentemente de como é chamado dentre de cada etnia

A construção de panos mostra continuidade e descontinuidade: a longa banda construída pelo tecelão apresenta a linha contínua que é o processo de tecelagem dessa peça. As mulheres, ao cortarem a longa tira em pequenas bandas, desconstroem a continuidade, construindo o pano por meio da justaposição das bandas, a reconstrução. O que se subtrai em termos de comprimento é somado à largura, ganhando as bandas, depois de unidas, aspecto de veste, de pano de luto, pano de ostentação ou de simples cobertor. O texto não seria outra coisa. (SEMEDO, 2010, p.107).

Como foi escrito em cima, o processo exige essa participação das mulheres que dão todo acabamento final para uso. Conforme Semedo (2010) citando Chevalier e Gheerbrant, comparou estas participações das mulheres com o parto de uma criança.

A importância do trabalho de tecelagem levou Chevalier e Gheerbrant (1994) a defini-lo como “um trabalho da criação, um parto”. Essa simbologia está presente nas atividades da tecelagem, em vários espaços africanos: “quando o tecido está terminado, a tecedeira corta os fios que o prendem ao tear e, ao fazer isso, pronuncia a mesma fórmula da bênção que diz a parteira ao cortar o cordão umbilical do recém-nascido” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994 apud SEMEDO, 2010, p.97).

⁸ Este pano não é costurado e não leva nenhum tipo de acabamento. Não é usado também na sepultura e nem no caixão e muito menos de uso para as pessoas, e toda vez que este pano é tirado da mala significa que tem desgosto na família ou na comunidade.

Todos os panos de pinti carregam significados que podem mudar de acordo com o contexto que é usado como argumentou Semedo (2010, p.10), “cada pano acaba ganhando um sentido simbólico, de acordo com a tessitura, textura, cor e circunstância em que é usado”. Os panos também adquirem os significados de acordo com costumes e tradição de cada etnia, conforme Tânia Jalo (2016, p.17), “o pano de pente fala, de modo particular, da etnia manjaco. A “fala” revela o modo pelo qual ele é feito e como o modo de produzi-lo retrata, entre outros, os papéis sociais e de gênero”.

Na Guiné-Bissau, geralmente os tecelões são homens e maioria da etnia Pepel, dificilmente encontra mulheres a trabalhar nessa área por conta da masculinização do trabalho de confecção de panos de pinti. Atualmente houve uma quebra de paradigma por conta do aparecimento de novos corpos -no caso das mulheres- nesses espaços destinados aos homens. A antropóloga Guineense Peti Mama Gomes (2019), mostrou na sua dissertação de pós-graduação em antropologia “Mulheres Em Associação na Guiné-Bissau: Gênero e Poder em Babock e Bontche” que, embora seja em menores números, que não são inigualáveis aos homens, mas já existem mulheres tecelãs e possuem sede no bairro de São Paulo em Bissau. Segundo Gomes (2019, p.74, 75), “vejo as mulheres desenvolvendo estas práticas de tecelagem com maior perfeição. Confesso que achei incrível, não fiquei surpresa, pois, nunca duvidei da capacidade de uma mulher”.

Cabe indagar se essa divisão trabalhos por gêneros veio junto a colonização, ou se já era uma prática antes da invasão europeia. Para o caso da população maya de Guatemala, Lorena Cabnal (2018) sinaliza que já existia machismo antes da chegada dos colonizadores, mas que era diferente do atual que foi trazido pelos colonizadores. Para a Oyéréké Oyewúmi (2004), trabalhando a sociedade africana Oyo Yoruba, o conceito de gênero foi criado pelos Euro-americanos como um modelo sociocultural e universal, e este conceito se difunde junto com a expansão europeia. No caso das sociedades africanas, em particular Guiné-Bissau, cabe indagar com maior profundidade se existia palavra a gênero nas línguas locais, se existia a desigualdade entre homes e mulheres ou se foi introduzido por conta colonização como forma de subalternizar as mulheres.

7.2 PANU MARCADO: USOS E SIGNIFICADOS

Como já foi debatido, o *panu marcado* está circundado de um silêncio acadêmico substancial; assim, este apartado se baseia nas primeiras indagações sobre o campo de pesquisa, partindo de conversações informais com dois mulheres adultas da minha família, uma com

residência em Fortaleza, Ceará e outra residente em Guiné-Bissau na região de Cacheú, e intercâmbios pessoais através de Facebook em 2022 e 2023.

A construção do *panu marcado* conhecido entre os mandjaku como *kalendji marcara*⁹ é um pano branco de pinti bordadas com agulha de costura que levam diferentes cores que formam um desenho e pode durar de três a seis meses para terminar. segundo Jaló (2019, p.14), “os panos são marcados pelas mãos das mulheres manjacos das seguintes formas, primeiramente elas pegam bandas brancas, nessas bandas que elas vão fazendo os seus desenhos manualmente, e cada um desses desenhos tem o seu significado.” Os desenhos que encontram nos *panu marcado* são chamados por produtoras dos panos de letras, então esse ato de marca pano pode ser considerado uma literatura, mas é uma literatura não ocidental.

Figura 1 - Menina aprendendo marcando pano.



Fonte: Idrissa Gomes, 2020

Existem dois tipos dos *panu marcado*: um que leva o barbado por parte de baixo do lado esquerdo do pano, que custa média de 40 xof correspondente a 320.62 BRL; e outro é *curpo*

⁹ *Panu marcado* em Mandjaku de Caió

intido, foi dado esse nome por possuir o mercado inteiro no pano e custa média de 100 a 120.000xof que corresponde a 801,56 a 1.122,18 BRL dependendo da relação entre quem marca o pano e da pessoa que solicita este trabalho. A cor das linhas usadas nos trabalhos de marca não tem significados segundo as minhas vivências. As cores se relacionam com a dimensão identitária que Iê (2021), planteia para o caso dos *panu de pente*. Para Múrida Gomes, estudante do curso de direito na Universidade Lusófona da Guiné e produtora do *panu mercado*, explica que toda primeira marca começa com cor laranja.

Antigamente os *panu mercado* com marca por parte de baixo que eram usados nos rituais sagrados, já do corpo inteiro eram usados nas festas, mas eram mais usados por pessoas com finança estável. Durante a marca a primeira cor usada no processo é cor laranja e depois vem cor escura e depois cor clara de acordo com a letra (desenho). Esta cor usada não tem nenhum significado, mas o uso de laranja primeiro é uma marca para garantir a beleza do pano. Atualmente o uso de *panu mercado* virou moda, mas antigamente era usado só por pessoas mais velhas nos rituais sagrados e não era uma obrigação na colegasom. As busca por nós produtoras do pano mercado aumentaram-se por conta da adesão das outras etnias pelo pano e isso ajudou muito no crescimento da nossa economia e conseguimos ter os nossos próprios panos de corpo intido através dos restos das linhas que sobram de cada marca. (ENTREVISTADA. 1)¹⁰

Na comunidade mandjaku é obrigatoriedade a mulher na fase adulta ter pelo menos um *panu mercado* para eventuais cerimónias ou grandes encontros da tabanca ou mesmo encontro da mandjuandadi. Segundo Jaló (2016, p.23) “A colegassom ¹¹ que se realiza na etnia manjaco em geral e o uso dos panos é parte fundamental do *panu mercado*, onde é obrigatório as mulheres usarem”, o que simboliza não só cumprir com as tradições, mas também representa o sinônimo da riqueza, já quem tem *panu mercado* em grande quantidade é considerada de rica.

Os panos eram usados pelas pessoas vivas, mas também os defuntos são vestidos com os *panu mercado* quando os corpos são velados para despedir dos familiares e amigos. Dependendo da família ou até da condição, uns colocam só um pano acima do falecido e esperam no momento da sepultura para colocar os *panu mercado*, já outras demoram para enterrar por contas das cerimónias que as famílias devem fazer antes do sepultamento ou mesmo por esperar um parente muito próximo do falecido/a, e durante esses dias os defuntos são vestidos com variedades de *panu mercado* desde os mais baratos até os caros.

Os *panu mercado* também são oferecidos aos Irã, no caso de alguém que vai *paga boca*¹² traduzindo em português alguém que fez devoto e volta para pagar a promessa. Mais pode ser também uma simples oferendas, como forma de agradecimento pela proteção da

¹⁰ Múrida Gomes, estudante de Direito e produtoras do pano mercado. 04/11/2023

¹¹ Grupo ou organização das pessoas da mesma faixa etária que engloba mulheres ou homens.

¹² No caso de uma criança nascer com problemas de deficiências as famílias colocam os panos na bacia e levam para irã e depois de uma semana voltam para pegar esse ritual acontece quando acharam que a criança é filha/o de Irã, e nos outros casos quando alguém é acusado de feitiçaria, nesses casos o pano da pessoa é colocado no irã.

família como diz Semedo (2010, p.98), “O pano faz parte ainda das oferendas aos irans, isto é, as divindades tradicionais protetoras das famílias e de suas linhagens;”

O uso do *panu marcado* nas cerimônias religiosas mostra a continuidade e preservação da tradição deixada por ancestrais. Como no caso de *Katchituran*¹³, que é um ritual de passagem de faixa etária de jovem para adulto seja homens ou mulheres, onde os *panu marcado* são enfeitados o local onde ficam as meninas que vão para dança chamado de *Untadjú*¹⁴. Nos *toka tchur*, é obrigatório os membros da família usarem *panu marcado* com *camisa de choca*¹⁵. Durante as cerimônias, os usos dos *panu marcado* por amigos e colegas é opcional, mas atualmente é comum em quase todos *toka tchur* dos Mandjaku, os donos da cerimônia tirarem farda²³ entre famílias para terem um único desenho, e em outros casos as famílias preferem ter único exclusivo para eles e para amigos da família um outro tipo de desenho para se diferenciarem.

Nos casamentos Mandjaku chamado *manda cabaz*, é o momento onde os familiares da noiva dão nomes, principalmente a tia da noiva que vai mostrar *balur de mindjerdaadi*¹⁶ Traduzindo em português a riqueza da mulher, onde vai tirar os panos de grande valor guardados na mala desde os panos de pinti mais simples até os *panu marcado* e a noiva vai se trocando em cada hora dependendo de cada família. A noiva coloca o pano marcado na cintura em cima dos outros *panu de pinti* e na cabeça como véu. No caso de noivo ele só usa um pano na cintura.

Com avanço da sociedade guineense, o *panu marcado* tomou uma proporção maior, onde as outras etnias Guineenses usam nos seus rituais tanto nos casamentos e assim como nas cerimônias religiosas. São também usados nas cerimônias do Estado, tornando assim um símbolo nacional guineense e cultural para os Mandjaku.

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação

¹³ É o ritual de passagem que acontece todo o ano no mês de dezembro, segundo Da Costa (2022, p.5),” é uma cerimônia que tem três motivos: o primeiro-, avaliar entre aqueles jovens que têm mais estrutura física para resistir o frio; segundo-, engrandecer a representação de uma geração e por último, adotar à criação de um incentivo para os homens príncipes (Undigas4), na língua mandjaku.”

¹⁴ barraca coberta de panos de pinte. Esta construção é feita pelos próprios jovens que fazem parte da mandjuandadi. Igualmente e com antecedência eles avisam o presidente, a pessoa escolhida, sobre a data e a hora em que será realizada a construção da referida barraca. Os manifestantes e o padrinho, acompanhados com cinco litros do vinho de palma, fazem a alugação de couro de vaca que é denominado de “Upam”, a sua alugação é feita por três dias com cinco litros do vinho de palma (que é extraído de palmeira) para entrada e cinco para retorno da mesma. (TÂNIA JALÓ, 2018, p.13)

¹⁵ Camisa ou blusa branca com renda na gola

¹⁶ Ter mala com grande quantidade de panos e outros bens como ouro, prata etc.

(fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo] (PEIRANO, 2003, p. 11 *apud* COSTA, 2022,p.)

Todos esses rituais mencionados fazem parte da iniciação dos Mandjaku de Caió que os *panu marcado* é um dos requisitos para realização da cerimônia.

7.3 AS RELAÇÕES DO PANU MARCADO COM AS MULHERES MANDJAKU DE CAIÓ

Neste subtema trabalhamos com os dados na base das minhas vivências e estadias em Caió e a entrevista com mulheres produtoras do *panu marcado*, por conta de ainda não ter um trabalho acadêmico exclusivo sobre este artefacto cultural. Também incorporo algumas autoras, cujas afirmações coincidem com minhas experiências e memórias. Por passar muito tempo com estas mulheres pude perceber o amor que tinham por esse trabalho, que não é simples arte mas durante o processo de marca, elas conseguem exprimir os seus sentimentos tanto no momento de dor assim como na alegria. O *panu marcado* representa a identidade do povo Mandjaku, as bordas feitas nos panos além de contar as histórias do povo Mandjaku; ele também é artes das mulheres que muitas das vezes são vistas pela academia como incapazes, pelo fato de não possuírem um diploma acadêmico, mas são detentoras de uma das artes mais valiosas dentro da cultura guineense.

O *panu marcado* é um dos elementos indispensáveis para rituais na tabanca de Caió e são dos panos que não pode faltar na mala de uma mulher na fase adulta, mesmo casada ou não. Ter mala, para os Mandjaku, é riqueza, pois nela guarda todos os pertences valiosos assim como todo o tipo dos panos de pente inclusive o *panu marcado* que será usado futuramente no seu próprio funeral. Este artefacto dá status a mulher por conta da sua importância. Como explica Tânia Jaló.

A mala é um bem muito valorizado, sendo assim uma mulher manjaco tem, especialmente se casada, sua mala. As não casadas devem igualmente, assim que as condições econômicas permitirem, arrumar sua mala. A mala será o lugar onde ela colocará seus pertences e sua mortalha. Pensando nesta realidade, elas compram panos pouco a pouco e vão organizando a mala. Há aquelas que preferem contratar um ficial “tecelom” para fazer os seus panos de vários tipos, dependendo da possibilidade financeira de cada uma (TÂNIA JALÓ, 2016, p.37).

As mulheres na fase adulta possuem estes panos em grandes quantidades para usarem nas cerimónias religiosas, nos funerais e nos encontros chamado em mandjaku de uran que em crioulo Guineense significa Mandjuandadi ou colegasson¹⁷. As colagasson é mais ou menos uma organização das mulheres e homens, bem estruturada com suas normas e leis. Nesta organização as mulheres encontram as redes de apoio tanto emocional como financeiras, embora não seja um valor alto. Essas mulheres criam grupo musical de tina cantando em sua maioria na língua mandjaku e raramente em crioulo. Para Semedo (2010, p.142), “Tina tem a sua origem na selha feita de barril cortado ao meio e que serve para lavagem de roupas”.

As músicas de tina muitas das vezes são criadas nos momentos de marca, durante esses processos de marca, quer seja de uma pessoa próximas exemplo de um filho/a ou de um marido, conforme imaginação na pessoa acaba aparecendo letras das músicas que será dedicado a esse ente querido, já alguns só cantam as músicas de tinas para se animarem no trabalho.

As mulheres produtoras do pano, como acima descrito, elas possuem um status maior por conta das suas profissões, e sempre que alguém precisar dos planos vão juntos delas pedir para o trabalho. O artefacto não se encontra à venda nos mercados, não se sabe se é por tradição ou por falta da economia, sendo que os materiais usados nos trabalhos são muitos caros e a Guiné-Bissau não produz algodões e também não tem uma fábrica de linha de algodão. Além das riquezas que os *panu marcado* carregam, ele serve também como uma fonte de renda para todas as mulheres produtoras mesmo sendo trabalhos extras, como argumentou Celeste Gomes produtora do *panu marcado*.

Nascemos e crescemos vendo as nossas avós e mães a fazerem todos os trabalhos domésticos e nós na fase adulta ou casadas continuamos com essa tradição porque foi o que nos ensinaram. Já casada quando levantamos devemos fazer os trabalhos domésticos, cozinhar por marido e filhos, para depois irmos para a bolanha que é o nosso trabalho, quando regressamos tomamos banhos e por fim pegamos nos panos brancos para fazer marca. Com a marca conseguimos dinheiro para comprar sabão, alho, caldo e principalmente pagar escolas dos filhos para futuramente ter uma vida economicamente melhor do que a nossa. (ENTREVISTADA.2) ¹⁸

Quando uma mãe ensina sua filha a fazer marca no *panu de pinti* é como se estivesse falando, eu já cumpri minha missão agora é sua vez dar continuidade com a tradição. Esse ato é visto como passagem dos conhecimentos dos/as ancestrais para nova geração, que têm também essa missão de transmitir para os que vem depois. Por tanto os panos não são simples panos de uso nas festas mais ele é um elemento central que serve de elo entre religiosidade e o povo mandjaku, e entre a mulheres com sociedade Mandjaku. Segundo Jaló (2018, p.14),

¹⁷ Vem da palavra colega, que significa Pessoas de mesma faixa etária.

¹⁸ Celeste Gomes, Fortaleza dia 13/10/2023

argumentou que de todos panos dos Mandjaku o mais importante para as mulheres é o pano marcado.

7. METODOLOGIA

Este projeto terá como procedimento metodológico a pesquisa qualitativa, descritiva e narrativa na base de oralidade, pois, o trabalho se encontra ligado aos fenômenos culturais de caráter simbólico; assim, o enfoque do estudo estará nas análises das narrativas sobre o *panu marcado* a partir da arte produzido pelas mulheres da etnia Mandjaku do setor de Caio, Guiné-Bissau. Segundo a artista Grada Kilomba (2008) na sua obra “Memórias de plantação”: as mulheres entrevistadas são tratadas na pesquisa e na escrita como sujeitas, e não como objetos, ou mesmo informantes como é visto por muitos tempos na pesquisa dos antropólogos da era colonial. De acordo com a Grada Kilomba (2008, p.30), “escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimada/o” e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada”. Trabalhar com mulheres produtoras dos *panu marcado* e dando elas voz dentro da pesquisa é um ato de descolonização, que não se limita apenas ao fato de eu pertencer à comunidade mandjaku. Segundo Oyéréké Oywúmi (2004), pertencer não é suficiente, para ter uma perspectiva endógena/ “desde dentro” precisa também de utilizar outros métodos e procedimentos coerentes com a descolonização do conhecimento. Por outro lado, objetiva-se descrever as características dos fenômenos (identidade cultural) e estabelecer relações entre materiais de estudo. No caso da presente proposta de estudo, tende-se a delimitar investigação na produção de pano marcado na etnia Mandjaku de Caió e suas relações com o status das mulheres.

Referente à construção e análise de dados, primeiramente, será feita a pesquisa bibliográfica e documental -no caso de materiais audiovisuais publicados nas redes sociais, que mostram os usos dos *panu marcado* nos contextos de rituais. Estas e outras produções serviram de apoio no estudo sobre a importância de pano marcado. Entretanto, é importante salientar que o corpus de autores tende a aumentar na medida em que a leitura vem sendo desenvolvida. Será feito um levantamento e seleção minuciosa de livros, revistas, publicações em periódicos, jornais, internet (sites oficiais), boletins, artigos científicos, monografias, dissertações, teses dentre outros materiais sobre a temática. O conteúdo utilizado será investigado conforme a abrangência do tema e cronologia das publicações, favorecendo, deste modo, a elaboração de um plano de leitura.

Por outro lado, pretendemos construir dados de pesquisa por meio de entrevistas semiestruturadas com mulheres Mandjaku residentes no Brasil e em Guiné-Bissau, e que vão ter voz e escolha de modo que se sintam à vontade para darem os seus depoimentos. No entanto, este método é bastante adequado para dialogar sobre os saberes e crenças das mulheres, sobre o que elas esperam e desejam, assim como suas razões para cada resposta. Pretendemos estabelecer uma interlocução através da entrevista com as mulheres que marcam o pano de penti no setor de Caió, partindo com cinco (5) mulheres da minha família, que fazem este trabalho com o pano di pinti. As entrevistas com todas essas mulheres vão ser conduzidas em crioulo e na língua Mandjaku.

No que tange a análise de dados, este projeto de pesquisa buscará apropriar-se de método descritivo pelo fato de proporcionar informações sumarizadas dos dados contidos no total de elementos da(s) amostra(s) estudada(s) (MATTAR, 2001). Posto isto, pretende-se construir um roteiro de trabalho, no qual, serão organizados os conteúdos ligados ao tema, em seguida. Posteriormente, organizar-se-ão os dados para levantamento de questões de trabalho, atendendo à proposta da pesquisa.

Durante a minha pesquisa, fiz uso intensivo das redes sociais, já que estou distante do meu do país. Sempre que encontrei uma publicação relacionada ao meu tema de interesse, tentei entrar em contato com a pessoa responsável, mas, infelizmente, a maioria das vezes sem retorno. No total entrei em contato com seis pessoas e só tive a resposta de uma que respondeu na hora e disponibilizou a ajudar na pesquisa. Ele tinha publicado no Facebook uma foto de noivos vestidos dos *panu marcado*, quando entrei em contato com ele, comunicou ao casal neste mesmo momento, e me enviou o contato da noiva, onde ela foi muito gentil e se disponibilizou a ajudar também na pesquisa. Mediante essa interação, percebi que muitas pessoas só exibiam os *panu marcado* por conta desse valor social, por ser caro e não pelo seu valor cultural e ele representava. Logo decidi focar nessa primeira fase com mulheres da minha família que têm todo domínio e conhecimento sobre o *panu marcado* e sendo eu, elas se sentiram menos intimidadas para explicar melhor. Nesse ato vou receber dois ensinamentos, uma parte que servirá para meus estudos e uma outra parte para mim e que não pode ser utilizada na pesquisa tendo em conta a sociedade Mandjaku têm oralidade como forma de passar conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Magda Lopes. 3ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

COSTA, Vladimir da. **Katchituran em Caió, Guiné-Bissau: O povo Mandjaku e a formação do imaginário étnico-social**. TCC, UNILAB, Acarape CE, 2022

DE JESUS, Bernardo Gomes. **Manjacos da Guiné-Bissau: sobre discursos, cultura, saberes e tradições no período colonial e pós-colonial**. Universidade federal do rio grande do Sul instituto de filosofia e ciências humanas departamento de história. PORTO ALEGRE 2018.

ÍÉ, Jacque Mário Almeida. **Usos e valor de panu-di-pinti nas cerimônias tradicionais de povo papel em biombo - (Guiné-Bissau)**, UNILAB, 2021

JALÓ, Tânia Correia. **A presença das estamparias (panos de pente) na etnia manjaco**, UNILAB, 2016.

JALÓ, Tania Correia. **O ritual, cerimônia de katchituran na cidade de Caio**. 2019.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MENDES, Paulina. **Entre Os" Saberes Locais" e o" Saber Universal": a modernização Das Comunidades Manjaco e Mandjização Do Estado Da Guiné-Bissau**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra (Portugal).

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **As Mandjuandadi, cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à Literatura**. Belo horizonte, 2010.

GOMES, Peti Mama. **Mulheres em Associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em Bobock e Bontche. Dissertação de Mestrado**. -UNILAB/UFC. Redenção, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memorias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. 1ª ed. 4ª reim. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series, v. 1, p. 1-8, 2004.

CABNAL, Lorena. **Defender o território-terra e não defender o território-corpo das mulheres é uma incoerência política**. Outras economias: alternativas ao capitalismo e ao atual modelo de desenvolvimento. Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS) Rio de Janeiro 2018.

<http://jornalnopintcha.gw/2021/09/08/centro-de-saude-de-caio-sem-capacidade-de-resposta-aos-desafios-sanitario-da-zona/>

<https://uniogbis.unmissions.org/pt/perfil-do-pa%C3%ADs>

8. CRONOGRAMA

Etapa I: créditos de disciplina e revisão da bibliografia.

Etapa II: leituras teóricas, reformulação do projeto, redação e exame de qualificação.

Etapa III: construção dos instrumentos de pesquisa.

Etapa IV. Construção de dados: entrevistas e análise documental (trabalho de campo).

Etapa V: análise do material e redação.

Etapa VI: redação do trabalho final.

Etapa VII: Correção e ajustes finais.

Etapa VIII: defesa.

Etapas	Anos	2024												2025											
	Meses	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
I		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X												
II									x	x	x	X	X	X											
III												X	X	X	X										
IV												X	X	X	X	X									
V															X	X	X	X	X						
VI																	X	X	X	X					
VII																				X	X	X	X		
VIII																								X	

9. ANEXO

9.1 Roteiro de entrevistas

1- Qual é o significado do panu *marcado*?

- 2- Em que momentos de rituais são usado o panu marcado?
- 3- Quais são os significados das cores de linhas?
- 4- Origem do povo Mandjaku?
- 5- Como é a divisão sexual do trabalho?
- 6- Em que idade pode começar uma marca?
- 7- Quais são os papéis das mulheres nas tomadas das decisões?

9.2 Fotografias

Figura 2 - A menina usando o *panu marcado*.



Fonte: Anielia Fabriciana Ribeiro da Silva, 2020

Figura 3 - cerimónia de finge firquidja em Caió.



Fonte: Sandra Gomes e Neusa Gomes, 2021

Figura 4 - Mulheres da família Gomes Blez na cerimónia de toca tchur em Caió.



Fonte: Idrissa Gomes, 2021

Figura 5 - Carga balei (um dos rituais de Finka Firquidja)



Fonte: Neusa Gomes Blez, 2021

Figura 6 – As meninas nas cerimónias de *Toca tchur*.



Fonte: Múrida Gomes, 2021